**ELE ME LIBERTA DO ÓDIO**

**Pr. Mark Finley**

**João foi criado às margens norte do Mar da Galiléia, num pequeno vilarejo de pescadores chamado Betsaida. Após a conversão de João a Cristo, ele e os discípulos de Jesus, dirigiram-se ao sul, para Jerusalém através de Samaria. João ficou encarregado de arranjar um lugar para dormir naquela cidade e ele pareceu satisfeito com o encargo. Ele era o mais jovem dos doze homens que Jesus escolheu para serem seus apóstolos. Apesar disto, demonstrou qualidades de liderança. João, acompanhado de seu irmão Tiago, seguiu por uma montanha rochosa em direção à cidade num dia claro, determinado a deixar o Mestre orgulhoso dele. Na verdade, arranjar acomodação era um pouco difícil, porque Samaria era um lugar que os judeus evitavam. Muito sangue fôra derramado entre judeus e samaritanos muito antes de João ter nascido. De fato, a maioria das pessoas em viagem do Mar da Galiléia para Jerusalém, como Jesus estava fazendo, evitava a terra de Samaria. Eles faziam um desvio, através de Peréia. Jesus havia parado uma vez em Samaria, numa fonte bem fora da cidade de Sicar. Ele pediu água a uma mulher, naquela fonte. Começaram a conversar e a mulher correu a contar a seus amigos sobre Aquele Homem maravilhoso. No final, muitos moradores de Sicar vieram a acreditar em Jesus como o Messias. Aquele encontro ficou na mente de João. Mais tarde ele escreveria sobre isto em detalhes. Agora, enquanto caminhava através do portão da cidade, João pensava que algo similar podia acontecer nesta visita. João e Tiago procuram hospedagem. Eles disseram que um grande Professor chamado Jesus iria passar a noite ali. No Oriente Médio o costume manda que a hospitalidade sempre seja demonstrada a estranhos. A princípio, os samaritanos tentaram ser amáveis. Mas, então, ouviram que Jesus, na verdade, ia a Jerusalém celebrar a grande festa no Templo. Os samaritanos cruzaram literalmente os braços e agiram escarnecedoramente. Disseram que não tinham abrigo para alguém com intenções de honrar seus rivais religiosos em Jerusalém. João tentou persuadí-los. Eles sabiam quem era este Jesus? Eles ouviram das grandes maravilhas que Ele fez? Os samaritanos não voltaram atrás. Assim, João e Tiago tiveram que deixar a cidade, voltar para as montanhas e encontrar Jesus. Enquanto João caminhava, tornava-se mais e mais zangado. Ele revia aqueles rostos teimosos dos samaritanos, balançando negativamente a cabeça. João não era acostumado a ser insultado. Ele cresceu num lar confortável em Betsaida. Seu pai possuia um próspero comércio de peixes lá na Galiléia com barcos, redes, grandes safras de peixes e muitos criados contratados. A mãe dele era uma mulher de posses. A família tinha ligações com o Sumo Sacerdote em Jerusalém. Quem estes miseráveis samaritanos pensavam que eram? O que realmente irritava João era o fato de que eles recusaram dar abrigo ao seu Mestre. Alguns dias antes disto, João estava no topo de uma montanha com Jesus e O observava com respeito. Cristo tornara-Se uma figura deslumbrante e divina, diante dos seus olhos. Moisés e Elias apareceram dos céus para honrar a Cristo. João viu seu Mestre brilhar como o sol. Agora, estes samaritanos mesquinhos achavam que sua vila desprezível era boa demais para ele. Inacreditável! No momento que João encontrou Jesus, sua indignação estava no auge. João e seu irmão Tiago explicaram rapidamente a situação. Então, os olhos de João fitaram o Monte Carmelo logo atrás deles, o lugar onde Elias implorou que descesse fogo do céu, enviado por Deus, o lugar onde os profetas de Baal fracassaram. Cheio de zelo, João explodiu com estas palavras, gravadas em Lucas 9:54: "Senhor, queres que peçamos que desça fogo do céu e os consuma, como Elias também o fez?" João queria demonstrar a sua lealdade. Ele desejava que aqueles que desonraram a Cristo fossem destruídos. Mas Jesus olhava muito além. Ele contemplou por um momento o amontoado de casas quase invisíveis pela poeira. Então, virou-se para João e disse: "Vós não sabeis de que espírito sois. Porque o Filho do homem não veio para destruir vidas, mas para salvá-las..." (Lucas 9:55) Então Jesus sugeriu que tentassem a próxima vila. O Mestre de João o conhecia muito mais do que o próprio João. Quando Ele chamou João e Tiago para ficar entre os doze, deu a eles um apelido. Chamou-os de "Filhos do Trovão". Estes jovens homens tinham sangue muito quente. Eram muito entusiasmados, prontos a servir. Jesus viu o potencial deles, mas também sabia, muito mais claramente do que eles, que o fogo pode queimar em duas direções diferentes. Ali em pé, olhando para o vilarejo samaritano, Jesus apontou em duas direções. Ele não veio para destruir as vidas humanas, mas para salvá-las. Vocês sabem, o zelo pela verdade e a paixão pelas causas justas, pode levar-nos a destruir aqueles que consideramos nossos inimigos, ou nos leva a diminuí-los. João não era capaz de ver esta distinção. Ele não sabia que espécie de espírito o guiava. Ele achava que era o espírito da lealdade e do fervor. Não via o furor cego, a raiva destrutiva dentro dele. João era um homem muito cuidadoso e sincero. João era também um jovem muito irritável. Este era um desafio que Jesus lançara a um dos Seus discípulos. É um desafio que muitas pessoas têm que lidar em sua própria vida. A maioria do que parece ser indignação justa, hoje em dia, esconde uma boa parcela de ira. As pessoas usam as brigas religiosas com seus inimigos, para encobrir suas batalhas pessoais com a raiva. As pessoas do mundo fazem a mesma coisa de diferentes maneiras, em sua vida. Nós vemos indivíduos passando a vida toda lutando contra algo. Às vezes contra a poluição ou contra os maus tratos aos animais. A intenção pode ser boa, mas, toda a sua atitude é dominada pelo ódio e pela ira. Empregadores e gerentes podem ser pegos pela mesma armadilha também. Eles consideram necessário ser agressivos; acham que devem continuar impelindo as pessoas para fazer algo. Porém, é o ódio que os estimula. É a raiva que os impulsiona e isso têm que ser liberado, de alguma forma. Da mesma maneira, ser zeloso não é problema. Possuir zelo por uma causa, também não é problema. É viver a vida baseada em ódio, que é destrutivo. Religião baseada em ódio é talvez muito mais destrutiva. Mágoas acontecem a todos nós nesta vida. Mágoas podem ocorrer desde a infância. Coisas ruins podem acontecer enquanto vamos à escola. Os amigos podem trair-nos, os cônjuges podem trair-se mutuamente e algumas vezes estas coisas ruins ficam arraigadas em nós e não podemos esquecer, não podemos perdoar. A ferida não cicatriza e o ódio começa a desenvolver-se apesar de desejarmos muitíssimo mudar aquele acontecimento ruim. Desejamos mesmo! Não podemos, porém, mudar o passado. Então, nosso ódio continua aumentando de várias formas. Direcionamos este ódio contra certas pessoas, como se fossem inimigas porque, lá no fundo, nós estamos odiando algo que outra pessoa, nossos pais, amigos, um patrão, um colega fez contra nós. Estamos clamando para que fogo do céu caia em algum lugar, porque bem no íntimo nós estamos magoados. Que podemos fazer com esta espécie de ódio? Como podemos substituí-lo? Como evitar que a indignação se torne ódio? Bem, vamos ver como Cristo lidava com este jovem irado. Alguma coisa notável aconteceu a João, o "filho do Trovão". Vamos voltar alguns meses antes daquele incidente entre João e os Samaritanos não hospitaleiros. A cena: um salão em qualquer lugar em Jerusalém, fôra reservado para a ceia da Páscoa que Cristo queria celebrar com os doze apóstolos. Enquanto eles se reuniam cercados pelas sombras do entardecer, estes homens sentiam que algo significante estava para acontecer. Subindo as escadas para o salão superior, eles começaram a falar sobre o Reino que Cristo prometeu estabalecer. Então seus olhos pousaram na pequena mesa onde a ceia da Páscoa estava servida. Eles olharam para as almofadas arrumadas em volta dos três lados da mesa onde podiam reclinar-se. Era uma cena formal de Páscoa. Quem sentaria onde? Quem teria a posição próxima a Cristo? A natureza humana é assim. Todos os doze sentiam-se altamente qualificados. Todos tinham absorvido os ensinamentos de Cristo. Todos presenciaram milagres em Seu nome. Todos proclamaram as Boas Novas no nome Dele. João não era o único altamente qualificado neste grupo. Ali, em pé, embaraçados, estes homens encontravam-se discutindo sobre quem deveria sentar e onde. Eles não tinham como evitar isto. Os doze tinham passado longo tempo juntos, o bastante para adquirir rancores e ressentimentos. Ao final, Judas fez uma manobra para ficar ao lado de Cristo. Afinal de contas, como sempre lembrava, ele era o tesoureiro. João, reclinou-se do outro lado. Os outros, vagarosamente, espalharam-se em volta da mesa e olhavam interrogativos, para Judas e João. Era tempo de celebrar a Páscoa, o memorial da grande libertação divina de Israel do povo Egípcio. Mas, o clima naquele salão parecia muito pesado aquela noite. Parecia que todas as palavras de ressentimento que os discípulos haviam emudecido estavam ali, no ar. De repente, Cristo levantou-se e caminhou até uma bacia. A princípio, os discípuos pensavam que era o momento do ritual de lava-mãos que fazia parte da ceia de Páscoa. Mas, então, Jesus tirou Sua vestimenta, pegou uma toalha e cingiu-a ao Seu cinto. Colocou água dentro da bacia e voltou para junto dos Seus discípulos. Ajoelhando-se, tirou a sandália de um dos homens e sem dizer uma palavra, começou a lavar os pés daquele homem. Ele lavou o pó e a lama das ruas de Jerusalém. Em seguida, Jesus dirigiu-se ao segundo homem, e ao próximo. João olhava para a cena admirado. Ali estava Jesus, fazendo as vezes de um escravo, numa tarefa subalterna. Mas, na verdade, a lavagem de pés, não era uma tarefa humilde, não era uma atitude comum. Para João, era algo muito glorioso. Ele fitava as mãos de Jesus enquanto lavava, secava os pés deles e passava de um discípulo para o outro. Estas eram Mãos inesquecíveis. Ele já as havia visto trabalhando antes. Ele já vira estas Mãos pegarem as mãos pálidas e sem vida de uma criança, enquanto a família chorava e lamentava em volta dela. Ele viu quando as Mãos de Jesus levantaram a criança do seu leito de morte. João vira aquelas Mãos tocarem um paralítico que estava sem esperança, no poço de Betesda. Ele vira o homem levantar e sair andando. João viu aquelas Mãos erguidas em oração diante de uma multidão faminta de cinco mil pessoas. Ele viu aquelas Mãos transformarem alguns pedaços de pão em uma refeição que satisfez a todos. Ele viu também as Mãos que se ergueram, para defender uma mulher pega em adultério, contra homens prontos a atirar pedras. João viu aquelas Mãos tocarem os olhos de um homem cego de nascença e produzir visão onde não havia nenhuma. Ele tinha visto aquelas Mãos acenarem para Lázaro, Seu amigo, que havia estado em um túmulo por quatro dias e Lázaro respondeu. João vira também aquelas Mãos fazerem muito mais durante o tempo que passou com Jesus e tudo isto surgiu em sua mente enquanto olhava Jesus lavar os pés empoeirados dos Seus discípulos. Aquelas Mãos eram poderosas. Eram Mãos onipotentes, mas, acima de tudo, eram Mãos cheias de amor. Elas abençoavam tudo que tocavam. Elas vieram para salvar, não para destruir. Finalmente, Jesus chegou até João e desamarrou as suas sandálias. Naquele momento, não importava quem estava sentado onde, em volta daquela mesa. Não importava quem seria o mais honrado no Reino dos Céus. Este amor incrível era o que importava! Enquanto Jesus lavava os pés de João, ele, o "Filho do Trovão" sentia seu ódio ser lavado ao mesmo tempo. O amor de Jesus finalmente ultrapassara tudo. O amor de Cristo era mais forte do que qualquer ferida, que todo o ódio, que todo o zelo exagerado. Voltemos às margens do Mar da Galiléia. Anos mais tarde, João se lembraria deste momento crucial, em sua vida. Ele lembraria quanto isto siginificou para ele. É desta maneira que ele próprio descreve em João 13: 3 a 5: "Sabendo Jesus que o Pai tudo confiara às suas mãos e que ele viera de Deus e voltava para Deus, levantou da ceia, tirou a vestimenta e tomando uma toalha, cingiu-se com ela. Depois deitou água na bacia e passou a lavar os pés aos discípulos". Jesus praticava um trabalho servil sabendo que Ele tinha vindo de Deus e que voltava para Deus. Jesus merecia ser exaltado ao lugar mais alto nos céus. Mas, Ele havia ocupado o lugar mais baixo na Terra. João estava deslumbrado pelo gracioso ato do Mestre. Finalmente, ele descobriu algo para substituir sua religião de ódio. Era amor, puro e simples. Toda a vida de Jesus era representada por aquele belo ato naquele salão. Como cristão, quando eu participo do lava-pés em minha igreja, sinto o amor fluindo do meu coração novamente. Amigos, Jesus tem uma solução para aquela religião que é baseada no ódio, para aqueles cuja vida é motivada pelo ódio. Você próprio não pode fazer muito para eliminar este ódio, nem mesmo evitar que acontecimentos ruins surjam. Há sempre mais mágoa no final. Somente o amor pode destruir nosso ódio. Somente o amor pode curar nossas feridas. Nós nunca, nunca poderemos mudar o passado, mas, podemos ser amados no presente. Veja como isto acontece: João foi transformado no final porque experimentou três anos e meio de convivência com Jesus. Nós também podemos conviver com Cristo, através de Sua Palavra. Nós podemos passar um tempo com Ele, em Sua Palavra. Eu encontrei certas passagens das Escrituras muito adequadas para lidar com o meu ódio. Lendo as epístolas de João e meditando no maravilhoso amor que Cristo enfatiza, fui ajudado a retirar o ódio do meu próprio coração. Jesus é capaz de encher nosso coração com Seu amor. Ele deseja que Lhe entreguemos a vida de maneira que lave nossa alma. Jesus pode nos libertar do ódio. Ele fez isto por João. Ele transformou o temperamental "Filho do Trovão". No final da vida de João o encontramos encarcerado na Ilha de Patmos, prisioneiro da fé. Ele sabia que provavelmente morreria sozinho, separado dos cristãos que muito significavam para ele. Mas João não sentia ódio naquela Ilha. Ele não clamava que fogo caísse dos céus sobre os soldados romanos que o guardavam. Ele também não se angustiava porque não ocupava nenhuma posição de destaque no Reino, no final de sua vida. Não, em vez disto, João escrevia. Ele enviava cartas, e elas são as mais belas cartas de amor que este mundo já viu. João ainda era tempestuoso, ainda tinha sangue quente e ainda possuía muita paixão e zelo. Mas, agora, era amor que ele demonstrava. Era o amor que o compelia. João transformou-se no "Apóstolo do Amor". Ele escreveu: "Meus filhinhos"; e aos que crêem, ele chama de "amados". Várias vezes ele roga: "Amem uns aos outros"; "um amor profundo e verdadeiro"; "no amor não há medo"; "porque Ele nos amou primeiro." (I João) Você já experimentou esta espécie de amor gracioso que transformou este "Filho do Trovão"? Ou você está preso ao ódio? Nós podemos substituir a dor e a mágoa de diversas maneiras. Mas há uma única solução: somente o amor pode nos libertar do ódio.**

**MINHA ORAÇÃO Letra e música: Hélio Góis Inclina, ó Deus, os Teu ouvidos e ouve a minha petição: guarda a minha alma, ensina-me o caminho, volta para mim o Teu olhar. Pois Tu, ó Deus, És meu amigo e cuida do meu coração; sabes como vivo e até o que não digo Vem, ó Deus ouvir minha oração. Pois Tu, Senhor, És bom e pronto a perdoar, humilde em Tua magestade e no Teu amor eu posso confiar. Olha prá mim, Senhor, na minha insegurança; constrói em volta Tua fortaleza e livra-me das perigosas trevas. Amém. Gravado por Viviane no CDPB1001 pela PLAYBLECK**

**Oração Querido Pai, nós vimos a Ti porque o ódio está nos destruindo. Porque tudo que tentamos fazer não preenche o vazio dentro de nós. Precisamos das Mãos que curaram o paralítico e o cego. Nós Precisamos das Mãos que ressuscitaram mortos. Confessamos nossas necessidades e imploramos perdão e libertamento neste momento. Nós pedimos que Jesus, o Salvador, coloque agora, as Mãos sobre nós. Por favor, derrama em nosso coração o Teu amor. No Nome do Mestre que lavou os pés dos discípulos. Amém**